VAGINOSE BACTERIANA E HSIL: RESULTADOS PRELIMINARES DE UM ESTUDO REALIZADO EM AMBULATÓRIO DE PTGI

LUIZA MARIA SUTER CORREIA CADENA, Especializanda em patologia do trato genital inferior e colposcopia pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), Brasil.
ANA LUIZA MENDONÇA FONTES, Especializanda em patologia do trato genital inferior e colposcopia pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), Brasil.
MARIANA BARBOSA CARVALHO, Especializanda em patologia do trato genital inferior e colposcopia pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), Brasil.
VIVIAN HEIMBECKER, Doutoranda do programa de pós-graduação em microbiologia, parasitologia e patologia pela Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), Brasil.
MARIA ISABEL LAVORANTI, médica do ambulatório de PTGI e colposcopia do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), Brasil.
CAMILA MARCONI, Professora do departamento de Patologia Básica da Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), Brasil.
RITA MAIRA ZANINE, Chefe do ambulatório de PTGI e colposcopia do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), Brasil.

A caracterização da microbiota vaginal tem se mostrado cada vez mais relevante para a compreensão da saúde feminina. Estudos prévios já apontaram uma relação entre o desequilíbrio da microbiota e o desenvolvimento de lesões induzidas pelo papilomavírus humano (HPV). Diante desse cenário, o objetivo deste estudo é avaliar a ocorrência de vaginose bacteriana (VB) em pacientes com lesão intraepitelial escamosa de alto grau (HSIL) identificada na citologia oncótica, além de descrever fatores epidemiológicos dessa população. Os dados apresentados referem-se aos resultados preliminares de um estudo mais amplo, ainda em andamento, que visa aprofundar o conhecimento sobre possíveis associações entre alterações do microbioma vaginal e lesões cervicais de alto grau. Métodos: Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, foi realizada bacterioscopia do conteúdo vaginal de mulheres com HSIL encaminhadas ao Ambulatório de Trato Genital Inferior e Colposcopia do Hospital de Clínicas da UFPR. Foram incluídas pacientes no menacme, não gestantes, não vacinadas para HPV, com idades entre 27 e 50 anos. O diagnóstico de VB foi realizado segundo o critério de Nugent, em lâminas coradas pelo método de Gram, após análise de microbiologista experiente. Um questionário padronizado coletou informações sobre idade, método contraceptivo, tabagismo e vida sexual. Resultados: Foram analisadas amostras de 43 pacientes, das quais 21 (48%) apresentaram vaginose bacteriana (Nugent > 6) e 1 microbiota intermediária (Nugent = 6). Entre as pacientes com VB, a média de idade foi de 37,2 anos. Quanto ao método contraceptivo, 12 (57%) não utilizavam nenhum, 3 (14%) eram usuárias de DIU de cobre, 2 (10%) usavam anticoncepcional oral combinado, 2 (10%) eram laqueadas e 1 não informou o método utilizado. Em relação ao tabagismo, 6 (29%) fumavam mais de 5 cigarros/dia, 3 (14%) até 5 cigarros/dia e 12 (57%) não fumavam. Dezessete (81%) relataram vida sexual ativa, sendo 15 em relação monogâmica e 2 em relação não monogâmica; 3 relataram relação sexual com mulheres no último ano, e 1 relatou uso de objetos durante o intercurso sexual. Conclusão: Os dados preliminares apresentados revelam uma alta frequência de vaginose bacteriana em mulheres com HSIL atendidas em ambulatório especializado. Esses achados reforçam a hipótese de que a vaginose bacteriana pode atuar como cofator no desenvolvimento ou na persistência das lesões cervicais de alto grau. O aprofundamento da análise e a ampliação da amostra poderão contribuir para a

identificação de fatores de risco e para o aprimoramento das estratégias de prevenção e manejo das HSIL.

Palavras-chave: Papilomavírus humanos, lesões intraepiteliais escamosas, vaginose bacteriana, microbiota.